

ALEGRIA COMO REFLEXÃO FILOSÓFICA: PERSPECTIVAS DE NIETZSCHE E ROSSET

JOY AS PHILOSOPHICAL REFLECTION: PERSPECTIVES FROM NIETZSCHE AND ROSSET

*Francisco de Assis Silva Neto*¹

Resumo:

Esta pesquisa pretende expor uma releitura da perspectiva filosófica de Friedrich Nietzsche (1844-1900), no que tange à compreensão de alegria como elixir da vida, bem como argumentar em favor desse corolário teórico no sentido de evidenciar um prisma nietzschiano fisiopsicológico. Para tanto, utilizaremos como principal intérprete Clément Rosset (1939-2018) e sua obra *Alegria: a força maior* (2000), posto que se apresente como principal teórico a se debruçar sobre o tema da alegria em Nietzsche e um dos principais da Filosofia como um todo. Sob a esteira do pensamento nietzschiano, optamos como caminho conceitual tratar desta relação de modo mais pontual, especialmente acerca da ótica desenvolvida pelo autor em sua obra *Gaia ciência* (1882). A alegria se configura como tema de profundo enraizamento no pensamento nietzschiano, visto que aparece com regularidade e paulatina evolução no seio da produção do autor de Zarathustra, fomenta e se coaduna com outros elementos-chave de seu pensamento como o trágico, o *amor-fati* e a *vontade de potência*. Este trabalho almeja evidenciar como a leitura nietzschiana sob determinado crivo dá vazão à uma filosofia alegre, evidencia aspectos como o corpo e a vida, fulcrais na construção filosófica do pensador alemão. Nessa senda teórica que propomos como artigo, visamos estruturar uma fisiologia da alegria que se propõe existir no entremeio da filosofia nietzschiana e ainda não foi devidamente explanada.

Palavras-chave: Nietzsche, Fisiopsicológico, Alegria, Leitura

Abstract:

This research aims to present a reinterpretation of Friedrich Nietzsche's (1844-1900) philosophical perspective regarding the understanding of joy as the elixir of life. Additionally, it seeks to argue in favor of this theoretical corollary to highlight a Nietzschean physiopsychological prism. For this purpose, Clément Rosset (1939-2018) and his work "Joy: The Greatest Force" (2000) will be our primary interpreters, as he is considered the main theorist to delve into the theme of joy in Nietzsche and one of the foremost in philosophy as a whole. Following the thread of Nietzschean thought, we choose to address this relationship more specifically through the lens developed by the author in his work "The Gay Science" (1882). Joy emerges as a deeply rooted theme in Nietzschean thought, appearing regularly and evolving gradually throughout the author's production. It fosters and aligns with other key elements of his thinking, such as the tragic, amor fati, and the will to power. This study aims to demonstrate how a Nietzschean reading through a certain lens gives rise to a joyful philosophy, highlighting aspects such as the body and life, which are central to the German thinker's philosophical construction. In this theoretical path proposed as an article, we aim to structure a physiology of joy that exists within the Nietzschean philosophy and has not yet been adequately explained.

Keywords: Nietzsche, Physiopsychological, Joy, Reading

¹ Graduado em Filosofia (UESPI), Especialista em Filosofia e Filosofia Contemporânea (FACUMINAS) e Mestre em Filosofia (UFPI). Professor temporário da Secretaria Estadual de Educação do Piauí (SEDUC-PI), professor convidado do Instituto Dexter. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4527394151370502>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2452-7723>. E-mail: chiconeto1910@hotmail.com.

Introdução

Esta proposta de artigo pretende tratar da compreensão do tema da alegria na Filosofia de Friedrich Nietzsche. Mais especificamente o modo como o alemão desenvolveu essa temática, as perspectivas interpretativas que devem nascer a partir dessa abordagem e que julgamos fundamentais para a ampliação dos estudos nietzschianos sob uma ótica pouco desenvolvida.

Clément Rosset foi um filósofo e professor francês que escreveu diversos ensaios temáticos e obras filosóficas bastante instigantes e provocativas, no entanto, ainda pouco exploradas pelos leitores brasileiros. Nietzsche é, sem dúvida, uma presença constante nos escritos de Rosset, e será explorando essa proximidade entre os dois pensadores que abordaremos posteriormente a obra: *Alegria: a força maior*² de Rosset e teceremos aproximações com a *Gaia ciência*.

Inicialmente a concepção do jovem Nietzsche acerca da alegria se apresentava em gestação³, possuía uma utilização com alternâncias semânticas entre dois termos, *Glück* que normalmente é traduzido por felicidade e *Freude* que é traduzido por alegria. No princípio de seu pensamento, o filósofo possuía preferência pelo primeiro termo, entretanto, a partir de sua produção intermediária esta predileção vai cair em desuso e ceder espaço para que *Freude* (alegria), em seu sentido mais amplo, fosse concebido e explicitado⁴.

Logo no início da parte aforismática da *Gaia ciência*, Nietzsche traz como primeiro aforismo: “*Os mestres da finalidade da existência*”. Nele, apresenta o princípio da alegria trágica atrelada ao riso, as reflexões que se seguem guiam, em diferentes perspectivas interpretativas, o todo conceitual que constitui a obra. Segundo o autor:

Rir de si mesmo, como se deveria rir para fazê-lo a partir da verdade inteira—para isso os melhores não tiveram bastante senso de verdade até hoje, e os mais talentosos tiveram pouco gênio! Talvez ainda haja um futuro também para o riso! Quando a tese que “a espécie é tudo, o indivíduo, nada” houver se incorporado à humanidade e a cada um, a cada instante, estiver livre o acesso a essa libertação e irresponsabilidade. Talvez então o riso tenha se aliado a sabedoria, talvez haja apenas “gaia ciência”. (GC, I, §1)⁵

² As versões no idioma de Rosset, não serão negligenciadas, a exemplo de *La Force Majeure* de 1983 lançada pela Les Éditions de Minuit, será abordada sempre que considerada pertinente, assim como *L'objet Singulier* de 1979 de mesma editora ou *Logique du Pire*, lançada por Presses Unisiversitaires de France em 1971, obras basilares para esta perspectiva.

³ Assim como a própria tragédia, no jovem Nietzsche existia uma teoria da tragédia que paulatinamente sofre uma metamorfose para a filosofia trágica de um pensador mais maduro. Nietzsche demonstra, deste modo, ser um pensador multifacetado que abre de modo contínuo novas possibilidades de interpretação.

⁴ De modo a tornar mais clara esta exposição, na obra *Humano, demasiado humano II* (período intermediário de produção), a disposição dos dois termos se dá em 58 menções a palavra *Freude* e apenas 24 a palavra *Glück*. Se compararmos a *Assim falou Zaratustra* (compreendida na terceira fase de produção e nosso objeto de estudo), o termo *Glück* aparece apenas uma vez e *Freude* se repete por 73 vezes. Tal mudança no uso dos termos demonstra o amadurecimento conceitual acerca da noção de alegria no interior do pensamento de Nietzsche. Tanto quando sua constante presença e relevância.

⁵ Seguiremos o padrão das citações das obras de Nietzsche, utilizando as siglas comumente encontradas nas produções acadêmicas em língua portuguesa, a saber: GC para *Gaia ciência* e ZA para *Assim falou Zaratustra*, seguido de uma sigla em algarismo romano para indicar o aforismo/seção da obra que estamos nos referindo, em conformidade com o modo que o autor se propunha em suas obras.

Nietzsche começa a delinear a compreensão que guiará a sua *gaia* sabedoria, alegria entendida como elemento dos viventes, interpretação de mundo e entendimento existencial. Para isso, é necessário perpassar a ideia anterior de compreensão trágica na natureza humana, a mesma que, segundo o autor, reverberou na moral e religião. Estabelece o ponto de virada da compreensão do trágico pela filosofia nietzschiana como a gênese da alegria trágica e de uma visão afirmativa humana.

O autor prossegue no primeiro aforismo: “Por enquanto ainda é bem diferente, por enquanto a comédia da existência ainda não se “tornou consciente” de si mesma.” (GC, I, §1). Para engendrar a nova ideia de alegria é necessário esquecer de finalidades e justificativas para a existência, seja por dor e sofrimento ou mesmo por riso e alegria, só seria possível entender esta nova perspectiva ao deixar de buscar elementos exteriores ou justificantes para a vida.

Assim, a alegria na compreensão nietzschiana não é um elemento descritivo de realidade, não é um meio para um fim, mas uma expressão genuína da constituição humana na realidade. Abordar a alegria enquanto elemento de reflexão filosófica não se trata de circunscreve-la metodicamente, mas de percebê-la enquanto fenômeno da vida sem pô-la em um esquadro e procurar dissecar sua constituição.

A partir disto, Nietzsche apresenta a nova ótica de entendimento do trágico e a compreensão de alegria que guiará este estudo. Nas palavras de Barrenechea:

Essa perspectiva aparece quando Nietzsche define a tragédia da seriedade, da dor, como a “breve tragédia”, apontando para uma visão maior, mais abrangente, ampla e profunda do trágico que seria encontrada na alegria, no riso que finalmente acabará por tornar-se vencedor. (BARRENECHEA, 2014, p.130)

A “breve tragédia” se refere as clássicas tragédias gregas e argumenta que as mesmas serviram a um propósito, corroboraram a ideia a ser transvalorada de finalidade para a existência. Esta compreensão de alegria se sustenta para além da moral, da metafísica e das religiões. Nesse sentido, Nietzsche tenta buscar um sentimento originário de plenitude na vivência e de riso na tragédia alegre que é o viver. Uma perspectiva móvel e fluída que remonta a um “pathos lúdico, leve e irônico”, que permite uma alegre sabedoria, uma grande saúde e uma nova compreensão de corpo.

Portanto, na perspectiva de que existe um exercício bilateral no próprio ato de se pensar a alegria, propomos, a partir disso, que tal posicionamento vai além de mais um constructo metodológico, e se configura como uma forma de ser e de existir. Como nos propõe Jelson Oliveira em sua obra *Diálogo sobre a alegria*:

Por isso, pensar a alegria é também pensar de forma alegre. De um lado, a alegria é tema de pensamento; de outro, é vivência do próprio pensar. Creio que a Filosofia seria bem melhor se ela conseguisse sempre as duas coisas, na forma de uma *gaia* ciência, um pensamento alegre, conforme sugestão de Nietzsche no seu livro de 1882. (OLIVEIRA, 2016, p.33).

Tal interpretação ilustra de modo oportuno nossa abordagem conceitual. Discorrer sobre o tema da alegria é ir além das metodologias ou da rigidez teórica que ficou como herança para o filosofar. Se trata de uma postura crítica, porém e especialmente, se afirma como uma vivência de criação. A proposição de uma nova

forma de fazer e viver a filosofia. O caráter existencial e factível, aliado ao sensível do corpo, ditam uma fisiologia da alegria posta numa ininterrupta experiência de mundo e de si mesmo.

A relevância deste trabalho se concentra principalmente na proposta de análise da alegria e na sua relação com uma concepção fisiopsicológica em Nietzsche. A fisiologia se configura como um elemento de interpretação de mundo, todavia apresentá-la pela compreensão de alegria e corpo, tal como almejamos desenvolver, eleva a questão para um status interpretativo pouco usual.

Pretendemos, nesse trabalho, apresentar a leitura que Clément Rosset faz da alegria em Nietzsche para, a partir disso, evidenciar que a mesma apesar de bem constituída, elabora um panorama psicologizante⁶ e incompleto desse tema. Em seguida, propor outra leitura, da fisiologia, ou seja, uma interpretação fisiopsicologizante⁷: “Cabe ressaltar que a noção de fisiologia em Nietzsche não se fundamenta em parâmetros puramente biológicos ou materiais, mas envolve todos os atos criativos do indivíduo.” (BITTENCOURT, 2010, p.121).

Nietzsche e Rosset: aurora da alegria filosófica

Rosset é um grande conhecedor do pensamento nietzschiano e atribui profunda relevância ao tema da alegria em seu corolário, como o próprio autor nos diz: “[...] constitui, em minha percepção, até evidenciarem o contrário, a questão mais séria que a Filosofia precisou conhecer” (ROSSET, 1983, p. 19, tradução nossa). Esta questão acerca da alegria, por se relacionar com um aspecto inalienável da existência se torna importante não somente para a perspectiva nietzschiana, mas para o próprio filosofar.

Clément Rosset, intérprete do pensamento nietzschiano, pode ter elaborado um válido constructo metodológico ao interpretar a alegria em Nietzsche, mas que esta leitura, por sua vez, carece de uma releitura, por se fixar apenas no aspecto psicológico da alegria e não desenvolver questões como corpo e vida, que para Nietzsche, não são concebidas separadamente ao pensar sua *Gaia ciência*.

Para Nietzsche, este furor da alegria se dava em dois sentidos, de vivência e criação filosófica, que fica evidente em sua *Gaia ciência*, que condensa estilos diferentes e abordagens distintas para uma variedade de questões, sendo suas principais alegria, corpo e vida. Sua obra é composta por um prólogo que apresenta a importância fundamental do corpo (§1, §2 e §3) para seu alegre saber, e é precedida por uma série de poemas e sentenças intituladas: “*Brincadeira, astúcia e vingança*”. O apêndice apresenta canções e hinos poéticos nomeados de “*Canções do príncipe de Vogelfrei*”. A primeira impressão que se têm ao se deparar com essa

⁶ Segundo Mattar, a concepção psicologizante é “Inaugurada pelo dispositivo confessional dos primeiros séculos do Ocidente, que pôs, ao mesmo tempo, aquele que escuta e aquele que fala em uma relação de complementaridade – o falar de si posiciona o ouvinte, o ouvinte posiciona o falar de si.” (MATTAR, 2019, p.73). Nessa mesma perspectiva, Rosset, ao ler a alegria em Nietzsche, a descreverá com uma carga excessivamente psicológica e privada, distanciando o sentir racional, do sentir físico, destoando, desse modo, do próprio Nietzsche.

⁷ Segundo Frezzatti Jr, o alemão: “coloca sua psicologia ao lado das psicofisiologias francesa e alemã, ou seja, o psicológico tem suas raízes no fisiológico e não é determinado *a priori* por faculdades a históricas e essenciais” (2019, p. 162). Desse modo, argumenta-se que Rosset se fixa muito em instâncias como o trágico para alicerçar a alegria, em detrimento do próprio corpo que experimenta e sente quaisquer aspectos da existência e é imprescindível para Nietzsche ao longo de toda a sua produção teórica.

obra é o seu tom inusual que mescla a linguagem da filosofia com a da arte e da literatura. Composta basicamente de aforismos e de poesias, apresenta o conhecimento filosófico em outros termos, mais próximo das canções trovadorescas do que da ciência metódica que caracterizara grande parte do século XIX e ajudou a fomentar uma subjetividade desafiante que Rosset se propôs em esmiuçar e desenvolver.

Este paralelo de abordagens evidencia não só um profundo entendimento mútuo entre os dois filósofos, mas traz à tona uma compreensão nova que eleva a alegria a um status singular e carente de pesquisas, tratada ditosamente como modo de ser e fazer Filosofia.

Outrossim, como apontado anteriormente, a categoria alegria, não está claramente expressa desde a gênese do pensamento nietzschiano, que passou por rompimentos e transformações ao longo de seu desenvolvimento. Entretanto, argumentamos em favor, no que tange a Clément Rosset, que esta perspectiva subsista desde a crisálida de seu pensamento. É desta clarividência rossetiana que irrompe e contrapõe o aparente paradoxo entre tragicidade⁸ e alegria e da intensidade do elemento trágico como impulso para a criação, mas pode derivar dela, como pretendemos demonstrar, a não amplitude em perceber corpo e vida.

Acreditamos que estas perspectivas produzam uma filosofia trágica, que continua⁹ a de Nietzsche, mas que não fornece uma alternativa de criação através dos impulsos corpóreos e, acaba assim, à mercê da velha racionalidade, por seu caráter psicológico. Nessa seara, Nietzsche descreve:

O intelecto é, na grande maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil de pôr em movimento; chamam de “levar a coisa a sério”, quando trabalham e querem pensar bem com essa máquina – oh, como lhes deve ser incômodo o pensar bem! A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica “séria”! E, “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”: – assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda “gaia ciência”. (GC, IV, §327)

Portanto, entender a alegria como faculdade do intelecto ou criadora de um bem-estar ante a tragicidade da vida, se trata de uma simplificação psicologizante da mesma, como uma atividade apenas racional e filosófica, se aproximando do resultado das incursões dos projetos filosóficos que disseram não ao corpo e ao riso. Estes iniciaram um grande processo de cristalização de ideias que transformaram a filosofia em criação e disseminação de verdades.

Quanto ao entendimento rossetiano da alegria no corolário do filósofo alemão, afirma:

⁸ Explorador da percepção nietzschiana, Clément Rosset também pensou o experienciar do trágico como fonte inesgotável de alegria por se tratar de um aspecto intangível da própria constituição humana, como nos afirma Amélie Mons: “Entretanto, a percepção do trágico tem mais a oferecer do que se possa imaginar. Rosset, como Nietzsche antes dele, viu nisso, por exemplo, uma fonte de alegria.” (MONS, 2019, p.87, tradução nossa). Fonte de alegria no sentido de ser impulsionadora de vida, mesmo o vivente imerso no trágico continua a ansiar por viver, independente de tudo. Mais um aprofundamento de caráter psicológico.

⁹ Como afirma Hubert: “E essa alegria, como fato trágico, é indomável ante aos acontecimentos. No seu último trabalho, aliás expressamente dedicado à alegria, Rosset afirma-o desde a primeira página: “Quando reina a alegria de viver, não há facto ou circunstância que a possa perturbar ou conturbar. Enfim, ela é estranha aos eventos, ao campo dos eventos.” (HUBERT, 2019, p.30, tradução nossa) Nesse sentido, a alegria brota no seio das contingências e seu caráter obstinado toma e preenche os que a sentem e mesmo o pior dos fatos da vida torna-se aceitável. A visão de Rosset paulatinamente parece dual, ao conceber alegria e tragédia.

Sem dúvida, hoje não é mais necessário mostrar, como era de praxe há uns quinze anos atrás o escrito é de 1983, que o tema da beatitude está de acordo com os conceitos conhecidos como fundamentalmente nietzschianos pelo que tinha, então, valor de tradição: o super-homem, o eterno retorno, a vontade de potência. É antes em uma tarefa inversa que um comentador de Nietzsche deveria agora trabalhar: mostrando, ao contrário, como esses conceitos estão de acordo com o tema da beatitude, em que são expressões ou variações mais ou menos diretas deste [...] ¹⁰ os temas do super-homem, do eterno retorno, da vontade de potência [...] só têm sentido enquanto constituem expressões tardias e arriscadas da beatitude, tema central e constante do pensamento de Nietzsche, eu diria, de bom grado, tema único. (ROSSET, 2000, p.36)

Clément Rosset interpreta esta alegria de viver e a concebe como uma amarra conceitual que perpassa toda sua obra e circunscreve a totalidade do arcabouço nietzschiano. Enquanto esta pesquisa se esforça em demonstrar que estas questões existem complementando a seara filosófica que aproxima alegria, corpo e vida. Assim, além do caráter psicologizante, subjaz sua potência fisiopsicológica que permite sob este crivo constatar a dinamicidade de possibilidades que ela retém de transformar essa alegria em existência, sensibilidade e criação.

A alegria, na visão de Rosset, é nomeada como a força maior por conta do seu caráter torrente, não valorado e quase impossível de ser descrito com precisão por ter um dos pés sobre a subjetividade psicológica de quem a experimenta e o outro em sua volubilidade, associada ao seu furor. Quanto a isto, Rosset afirma:

O estranho é que, entretanto, a alegria permanece, embora suspensa em nada e privada de qualquer base. E é esse o extraordinário privilégio da alegria: essa aptidão para perseverar quando sua causa é ouvida e condenada, essa arte quase feminina de não se render a razão alguma, de ignorar alegremente tanto a adversidade mais manifesta quanto a contradição mais flagrante. (ROSSET, 2000, p.8)

Portanto, a alegria não torna a vida mais suportável, a torna mais fática, no sentido de estabelecer um elo causal que de fato liga a vida verdadeira aos viventes nela imersos. Rosset, de forma análoga se apropria do termo feminino para fazer referência ao caráter de resistência, a perseverança da alegria em se fazer presente, relevante e determinante em todas as camadas da vivência e do requerer a própria vida no sentido mais ativo e atuante possível, independentemente de suas adversidades. A alegria de Rosset se esforça para existir em uma batalha psicológica com a vida, enquanto a de Nietzsche existe na própria vivência do corpo que é vida e nela está imerso.

Alegria é para o filósofo entendida como a expressão máxima do dizer sim à vida, do profundo entrelaçamento entre corpos e realidades que lutam em potências para continuar existindo, pensando e sentindo. No movimento do sim, como fora pensado por Nietzsche, tudo está à flor da pele. “Para isto é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência!” (GC, prólogo, §4). Ademais, transbordante e contagiosa aos que a sentem, torna-se maior que o motivo que a suscitou que pode ser grandioso ou ínfimo. Rosset aponta que:

¹⁰ Supressões de citação retiradas do trabalho Nietzsche e Rosset: alegria, impulso à criação (2013).

A alegria é, antes de tudo, não uma cessação da ausência (o que implicaria um reconhecimento parcial desta mesma ausência), senão algo que se pode descrever – ainda que a expressão limite perigosamente a insignificância em razão de seu aspecto tautológico – como uma falta de ausência: é dizer, o sentimento – tomado aqui no sentido forte de saber – de que todas as coisas buscadas e aparentemente ausentes estão, em verdade, presentes e dadas, ou inclusive que a finalidade tão esperada está desde agora advinda, podendo qualquer pergunta dirigida ao real receber, deste mesmo real, uma resposta satisfatória. (ROSSET, 2007, p.129)

Sob a ótica rossetiana, a alegria adquire o que provavelmente é sua expressão máxima de um ponto de vista interpretativo e de circunscrição teórica, não somente o alegrar-se com o que entendemos como fatos ou circunstâncias, mas a real possibilidade de se brotar alegria mesmo de coisa alguma. Tal expressão proporcionada pela alegria é um claro sintoma psicologizante. Em conformidade com Rosset:

Como se poderia ficar contente com nada, alegre com coisa nenhuma? Notemos, porém, que tal caso, por mais raro e extraordinário que possa parecer, está longe de não ter exemplos: há acessos de alegria independentes de qualquer causa, ímpetos de euforia perfeitamente incompatíveis com o pensamento consciente, quando este só encontra, para decifrar seu horóscopo pessoal, motivos de tristeza e desencorajamento. (ROSSET, 2000, p.10)

O autor está fazendo referência a uma subjetividade desafiante de qualquer lógica. Supomos que todos, em certo momento e proporção já foram tomados por esse êxtase interno e desprovido de qualquer razão facilmente detectável. Isto porque, a alegria concebida nessas bases, transborda o recipiente da racionalidade filosófica, pois não está presa a escopos confeccionados para prender conceitos. Porém, mais uma vez, ignora o caráter fisiopsicológico do pensar a alegria em Nietzsche que, neste entender, é o ponto central da própria *Gaia ciência*.

A concepção da *Gaia Ciência* se dá em oposição à filosofia dogmática, como forma de confrontá-la a partir de constituintes próprios, nesse sentido, *transvalorados*. Nietzsche afirma que a enfermidade, em tom metafórico, em relação com a história da filosofia e em tom literal, em relação com seu próprio corpo, fora necessária para um renascimento de si e de sua filosofia em novos moldes. Como o filósofo propõe:

Por fim, para que o essencial não deixe de ser registrado: tais abismos, de tal severa enfermidade, também da enfermidade da grave suspeita voltamos renascidos, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria, com a língua mais delicada para todas as coisas boas, com sentidos mais risonhos, com uma segunda, mais perigosa inocência na alegria, ao mesmo tempo mais infantis e cem vezes mais refinados do que jamais fôramos antes. (GC, Prólogo)

Quase toda menção de Nietzsche a seu entendimento de alegria, vem seguido de sua compreensão de corpo e de vida, com renovação e criação, como se estes elementos fossem essenciais para o entendimento de sua fisiologia da alegria. Nietzsche nos alerta do tom geral da reflexão e no que se configura sua proposta. Ao relacionar sua obra ao renascer, o autor traz a ideia de como esse ponto destoa de suas afirmações anteriores, que eram focadas, sobretudo na negação. O filósofo

percebe na alegria uma forma de pensamento afirmativo, sem abandonar a criticidade que lhe é própria, mas seu foco passa a ser a construção de um pensamento jocoso, de júbilo pós-convalescente. Assim, ele afirma mais de uma vez que a base de suas proposições será a alegria na vida e no pensamento. Sem excluir o trágico, mas sem se fixar necessariamente nele e fundar um dualismo entre alegria e tragicidade.

Nos parece que uma compreensão mais ampla da alegria e mesmo da vida para Nietzsche, não se contrapõe necessariamente à contingência amargurada e rodeada de tragédias. Uma vez que a vontade sempre põe o vivente a querer alegrar-se com a vida, todas as vicissitudes são por ela afirmadas. Nesse quesito que reside a questão fisiopsicologizante da perspectiva nietzschiana, assim como estas ressonâncias internas em torno de conceitos que no fundo se tratam de potencialidade frente à vida, deste modo que se sustenta uma fisiologia da alegria em Nietzsche.

Sobre isso, afirma Bittencourt:

A compreensão fisiológica em Nietzsche aplica-se ainda ao estudo imanente da criação artística, da organização cultural dos povos, das disposições morais e das experiências religiosas de uma civilização; justifica-se filosoficamente tal proposta pelo fato de que é o organismo humano o fio condutor de qualquer avaliação sobre a realidade. (BITTENCOURT, 2011, p.68).

Portanto, uma compreensão orgânica da vida reside na ideia de uma fisiologia da alegria, posto que esta alegria é física e humana, ao mesmo passo que é intelectual e filosófica. Doravante, este estudo se fixa sobre duas bases argumentativas principais que se completam entre si. A análise meticulosa destes textos revela a ressonância entre os filósofos e suas interpretações da alegria como um componente da experiência humana. A pesquisa explora como Nietzsche concebe a alegria como parte integrante de sua filosofia trágica, *amor-fati* e *vontade de potência*, enquanto Rosset aprofunda a ideia de aprovação irrestrita da existência. O estudo também investiga as lacunas deixadas por ambos os filósofos, especialmente no que diz respeito à relação entre a alegria e aspectos fisiopsicológicos da existência.

Considerações finais

Sabe-se que tanto Rosset quanto Nietzsche, são teóricos da alegria, entretanto e ao mesmo passo que são pensadores trágicos. Após toda a gama de reflexões e implicações acerca de prazeres alegres, a filosofia rossetiana não abre mão da seguinte reflexão:

Todo “progresso” – ou melhor, toda ideologia progressista, isto é, toda atenção excessiva e entusiasmo suspeito acerca do que há, ou poderia haver, de efetivamente melhorado na condição dos homens - subentende, com efeito e inevitavelmente, o projeto louco de uma resolução dos males essenciais por uma diminuição ou superação dos males acidentais: como se pudesse bastar uma descoberta científica ou uma melhor organização social para arrancar os homens de sua natureza insignificante e efêmera, vale dizer, uma melhoria da iluminação municipal para vencer o câncer e a morte. (ROSSET, 2000, p.30)

O filósofo francês encara o alegrar-se não como um paliativo para existência, por se tratar de um preenchimento intenso e passageiro. O elixir da

alegria como a força maior é uma busca de compreensão mais ampla, uma forma de relacionar-se com a vida e o entendimento, de modo a perceber que a constituição total da realidade escapa às expectativas que criamos acerca dela. Mesmo uma vida que possui no seu seio momentos de alegria profunda, possui momentos frustrantes, indigestos e isto não é um atentado contra a dignidade humana, mas se trata de pensar e perceber a vida tal qual ela se apresenta na realidade dos fatos.

Ademais, após tocarmos no cerne de possíveis compreensões de alegria e da sua conexão com o corpo, supomos que sob a interpretação de Nietzsche, falar sobre corpo e seus constituintes é falar sobre *vontade de potência*. Doravante, pretendemos propor essa incidência de forma panorâmica e o modo que se dá tal relação na esfera de produção de conhecimento e reconhecimento de si.

Esse trabalho se dedicou a pensar a filosofia de Nietzsche a partir da concepção da alegria e do riso presente na condição trágica e corpórea da vida. O intuito foi encontrar na análise principalmente da *Gaia Ciência*, e de outras obras do autor, como ele constrói uma visão afirmativa da existência que coaduna elementos tão díspares como o trágico e o cômico. Para realizar esse movimento, o trabalho de pesquisa seguiu o seguinte encadeamento. Não se empenhou em esgotar os constituintes e horizontes teóricos da Filosofia, bem como do corolário perspectivista nietzschiano. Mas, abordar de forma motejadora e leve, temas outros demasiado pesados. De tal modo, buscou delinear que a razão não precisa ser rude e rangente e que os filósofos podem finalmente descer de seus pedestais com a simplicidade de quem aprendeu a pensar também com o corpo e que por isso executam sua potência afirmativa e zombeteira pensando o porvir a partir de uma *Gaia ciência*.

Por fim, essa pesquisa assim como nos ensina a filosofia nietzschiana está em contínuo alvorecer, dado que, ainda que alicerçada pelas palavras do próprio filósofo e de seus comentadores e críticos, apresenta apenas uma senda aberta do que o riso e a alegria podem representar para a filosofia, sendo que outras podem lhe ser adicionadas. Nesse sentido, esse trabalho também está em devir. Em consonância com Deleuze, um grande filósofo e intérprete da obra nietzschiana:

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 23)

Tal como asseveramos mais acima o porvir pode sempre irromper a partir dos contínuos agoras. Que sejamos sempre capazes de gestar o novo, mas também de celebrar o agora que aqui se presenteia.

Referências

BARRENECHEA, Miguel Angel. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a fisiologia como método de interpretação do mundo. In: *Revista Trágica*. vol.4, nº1, p.67-86, 2011.

- BITTENCOURT, Renato Nunes. Estética como fisiologia aplicada em Nietzsche. In: *Cadernos de estética aplicada*. vol.4, nº8, 121-141, 2010.
- CAMPOS, Lindoaldo Vieira. *Nietzsche e Rosset: alegria, impulso à criação*.
- DELON, Nicolas. Introduction à Clément Rosset. In: *Atelier Clément Rosset*. Disponível em: <http://clementrosset.blogspot.com/2006/03/introduction-clment-rosset.html>. Acesso em: 17/05/2024.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Civilização Brasileira, 2011.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e o Riso*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.
- FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. *Nietzsche e a psicofisiologia francesa do século XIX*. São Paulo: Humanitas, 2019.
- HUBERT, Mathieu. L'Événement et le Tragique: Sur le caractère indigeste de la philosophie de Clément Rosset. In: *Revista Trágica*, v.12, nº1, p.18-32, Rio de Janeiro, 2019.
- LÓPEZ, Olga. Clément Rosset: un pharmakon de la philosophie. In: *Revista Trágica*. v.12, nº1, p.33-62, Rio de Janeiro, 2019.
- MATTAR, Cristine Monteiro. Entre a psicologização e a análise fenomenológico-existencial. In: *Arquivos do IPUB online*. Vol.1, nº1, p. 78-87, jan/abril, 2019.
- MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Sendas e veredas, 2009.
- MONS, Amélie. De la difficulté de percevoir le tragique. In: *Revista Trágica*. v.12, nº1, p.69-95, Rio de Janeiro, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- OLIVEIRA, Jelson. *Diálogo sobre a alegria: entre a filosofia e a história*. Curitiba: PUCress, 2016.
- ROSSET, Clément. *Alegria: a força maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- ROSSET, Clément. *La Force Majeure*. Les Éditions de Minuit, 1983.
- ROSSET, Clément. *A lógica do pior*. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989.
- ROSSET, Clément. *Logique du Pire*. Presses Unisersitaires de France, 1971.
- ROSSET, Clément. *El objeto singular (L'objet singulier)*. Tradução de Santiago E. Espinosa. Madri/Espanha: Sexto Piso, 2007.
- ROSSET, Clément. *L'objet Singulier*. Les Éditions de Minuit, 1979.

Recebido em: 01/2025
Aprovado em: 06/2025